

IV

O VENTRE DA MISERICÓRDIA

Nas precedentes reflexões, da estrada entramos na casa onde se desenrola a vida familiar, e fizemo-lo sempre sobre o distintivo da misericórdia. Esta é como uma lâmpada que guia os nossos passos, é luz no nosso caminho (cf. *Sal* 119,105), que ilumina «quando nos sentamos e quando nos levantamos ... quando caminhamos e repousamos» (*Sal* 139, 2-3), quando se entra e se sai de casa. Agora queremos delinear um particular espaço no qual a misericórdia encontra a sua habitação viva, isto é a alma, a consciência, o lugar do coração da pessoa. Como diz a própria palavra, é de fato evidente que o órgão físico simbólico desta virtude é exatamente o coração (misericórdia) que conhece os frêmitos da compaixão e da partilha com o miserável.

As vísceras maternas e paternas da misericórdia

Existe, contudo, um fenômeno curioso na linguagem bíblica: seja para o hebraico seja para o grego, a sede simbólica da misericórdia é, na verdade, o útero materno ou a paternidade. Em hebraico para indicar a misericórdia usa-se sobretudo o substantivo *rehem*, no plural *rahamîm*, que designa primariamente o ventre materno e que vem transformado numa metáfora emocional aplicada antes de mais a Deus que se encontra, assim, conotado também feminilmente. Luminosa para a imagem e o conceito (ainda que o léxico seja diferente) é a passagem do livro do profeta Isaias: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebê, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria» (49,15). Explicito é o Salmo 103 que reenvia, desta vez, à paternidade: «Como um pai tem misericórdia (*rhm*) dos filhos, assim o Senhor tem misericórdia dos que o temem», (v. 13), isto é dos seus fiéis.

Não elencamos os múltiplos passos onde esta metáfora geracional é atribuída a Deus. Baste só citar algumas frases: «Por um curto momento Eu te abandonei, mas, com grande misericórdia, volto a unir-me a ti.» (*Is* 54,7), onde é usado o vocábulo *rahamîm*; «Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia (*rahamîm*), apaga o meu pecado», esta é a invocação inicial do célebre *Miserere*, o salmo 51. É interessante notar que todas as suras do Corão (salvo a IX, fruto talvez de um fracionamento) abrem exatamente com dois adjetivos árabes modulados sobre a mesma raiz *rhm* do termo bíblico: “No nome de Deus misericordioso e misericordioso (*bismi Llah al-rahman al-rahim*). Ser misericordioso equivale a ser tomados “pelas vísceras”, com um amor total, espontâneo, absoluto, até cumprir aquele gesto extremo de doação, delineado por Jesus no discurso da última tarde da sua vida terrena: «não há maior amor do que dar a vida pelos seus amigos» (*Jo* 15,13). Um gesto que uma mãe ou um pai estão prontos a realizar se devem salvar o seu filho, superando a lei natural, ainda que legítima, do amor de si: «Ama o próximo como a ti mesmo».

Passemos ao grego neo-testamentário onde - como acontece também para as Escrituras hebraicas - são adotados vários termos sinonímicos, a partir do vocábulo *éleos* e do verbo *eleéô* (com os seus derivados aparecem 78 vezes), presente na invocação litúrgica *Kyrie eleison*, “Senhor, tem misericórdia!”. Mas o mais sugestivo é o verbo *splanchnízomai*, as vísceras maternas da compaixão. Jesus tem o coração apertado por esta ternura misericordiosa quando encontra os que sofrem pela estradas da sua terra. Assim acontece quando embate com o funeral do rapaz da aldeia de Naim, filho único de uma viúva (*Lc* 7,13), ou quando vê diante de si a multidão com fome que o seguiu e escutou (*Mc* 6,34); mais, em outro caso, é ele próprio a confessar explicitamente: «*Splanchnízomai* por esta multidão que me segue há três dias sem comer» (*Mc* 8,3). A mesma experiência se repete diante dos dois cegos de Jericó (*Mt* 20,34), ou então com um leproso (*Mc* 1,41) e assim por diante. Exatamente porque assim radical, esta qualidade materna e paterna da misericórdia merece ser aprofundada nas suas múltiplas nuances humanas e espirituais.

No séquito da misericórdia, o perdão

A misericórdia é, de fato, acompanhada por um séquito de virtudes irmãs, como a solidariedade sincera, a compaixão, que consiste em partilhar os sofrimentos do outro numa sintonia interior, ou então a ternura. O escritor alemão Heinrich Böll, Nobel de 1972, na sua *Carta a um jovem católico* (1961) acusava «os mensageiros do cristianismo de qualquer proveniência» de ter ignorado a ternura. A sua proposta era para «uma teologia que pudesse adquirir a ternura e usar a sua linguagem de modo a colocar fora de causa a sua grande antagonista: a mera legislação eclesiástica». Sugestiva é a passagem de um apócrifo judaico, o *Testamento de Zabulão*, talvez contemporâneo dos exórdios do cristianismo ou pouco anterior: «Meus filhos, tende compaixão e misericórdia por cada ser humano, para que também o Senhor tenha compaixão e misericórdia de vós. Porque, no fim dos tempos, Deus mandará sobre a terra a sua misericórdia e, onde encontrar vísceras de misericórdia, aí habitará. Como um homem tem compaixão do seu próximo, também o Senhor tem compaixão dele» (8,1-2).

Neste cortejo ideal de virtudes que procedem sob a guia da misericórdia brilha uma presença particular, a do perdão. É esta a qualidade específica de Deus, como dizia com uma frase incisiva o setecentesco poeta inglês Alexander Pope: «Errar é humano, perdoar é divino». Como é explícito em muitas línguas, “perdoar” / *forgive* é um “doar” / *give*. É portanto graça: não por acaso S. Paulo usa o verbo *charízomai* que envia exatamente a *cháris*, à *caritas*, ao amor divino. Na verdade, «tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigênito... Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele». (*Jo* 3,16-17). E Santo Ambrósio no seu *Exameron*, comentando os seis dias da criação (*Gen* 1,1-2,4), não hesitava em ver na sua meta final a criação do ser humano como a ocasião na qual «Deus tinha alguém a quem oferecer o perdão».

A pessoa e a ação de Cristo são quase uma hipóstase do perdão divino dado à humanidade pecadora: «É em Cristo, pelo seu sangue, que temos a redenção, o perdão dos pecados, em virtude da riqueza da sua graça» (*Ef* 1,7). Jesus na última ceia relaciona o «seu sangue derramado por muitos» ao «perdão dos pecados» (*Mt* 26,28). É por isto que o *kerygma* cristão tem no seu coração moral «a conversão e o perdão dos pecados» (*Lc* 24,47). E exatamente porque somos perdoados por Deus, devemos perdoar aos nossos irmãos: «perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido», segundo a lógica do “pai nosso”. Uma lógica estupendamente ilustrada pela equação 70x7 que Jesus propõe a Pedro que lhe tinha perguntado: «Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes devo perdoar-lhe? até sete vezes?». Eis a réplica “numérica” de Cristo: «Não te digo até sete vezes, mas até a setenta vezes sete» (*Mt* 18, 21-22).

É evidente a subversão da lei da vingança destruidora proclamada por Lamec, descendente de Caim, na qual domina uma equação análoga mas em negativo: «Se Caim foi vingado sete vezes, Lamec sê-lo-á setenta vezes sete» (*Gen* 4,24). Jesus, depois, ilustrará o nexos entre o perdoar divino e o nosso perdão através da parábola que segue o diálogo com Pedro, aquela do patrão generoso e do servo sem piedade (*Mt* 18,23-35). E, no seguimento de Jesus, São Paulo reforçará: «Sede benévolos uns com os outros, misericordiosos, perdoando-vos mutuamente como Deus vos perdoou em Cristo... Suportai-vos mutuamente, perdoando-vos uns aos outros... Como o Senhor vos perdoou, fazei vós assim também» (*Ef* 4,32; *Col* 3,13). Belíssima é a frase que a protagonista Lucia nos *Promessi Sposi*, o célebre romance de Alessandro Manzoni, querido também ao Papa Francisco, dirige ao seu carcereiro, o anônimo: «Deus perdoa tantas coisas, por uma obra de misericórdia» (c. XXI).

A voz do abismo

Santo Agostinho, nas suas Confissões, cantava: «Glória a ti, glória a ti, fonte da misericórdia! Eu, Senhor, tornava-me sempre mais miserável e cada vez mais te

aproximavas de mim!» (VI,16,26). Agora nós, para invocar o perdão divino, conscientes do nosso pecado, dirigimo-nos ao Senhor através de uma intensa e apaixonada súplica, o Salmo 130 (129). Frei Girolamo Savonarola, o famoso dominicano florentino reformador, condenado como “herege e cismático”, enforcado, depois queimado e as suas cinzas atiradas ao rio Arno em 1498, rezava assim: «Por vezes o medo dos pecados que descubro em mim próprio desespera-me, outras vezes, a esperança da tua misericórdia me sustenta. Mas porque a tua misericórdia é maior do que a minha miséria, eu não cessarei de esperar».

A intensidade da confiança no perdão divino é aqui tão luminosa que transforma estas linhas no melhor comentário ao Salmo 130, que agora propomos como base da nossa meditação final. É uma voz que sobe do abismo do pecado, é uma das súplicas mais apreciada pela tradição cristã que a inseriu entre os sete Salmos penitenciais, ainda que o uso litúrgico e popular o tenha arrumado numa extrínseca aplicação fúnebre.

¹Do fundo do abismo clamo a ti, Senhor!

²Senhor, ouve a minha prece!

Estejam teus ouvidos atentos

à voz da minha súplica!

³Se tiveres em conta os nossos pecados,

Senhor, quem poderá resistir?

⁴Mas em ti encontramos o perdão;

por isso te fazes respeitar.

⁵Eu espero no Senhor! Sim, espero!

A minha alma confia na sua palavra.

⁶A minha alma volta-se para o Senhor,

mais do que a sentinela para a aurora.

Mais do que a sentinela espera pela aurora,

⁷Israel espera pelo Senhor;

porque nele há misericórdia

e com Ele é abundante a redenção.

⁸Ele há-de livrar Israel
de todos os seus pecados.»

O início do canto na antiga versão latina, *De profundis*, tornou populares estes poucos versículos, que no original hebraico são compostos de apenas 52 palavras compreendendo as partículas. Constituem uma espécie de chama acesa no caminho escorregadio do pecado. Com aquele clarão o orante é convidado a subir do abismo da culpa e da impureza para atingir o percurso da altura da conversão e do abraço com Deus. Parte-se, portanto, do círculo infernal da morte, do mal: lá do fundo ecoa o grito do pecador. Ele espera que a sua voz consiga ascender ao alto, para o infinito, para um ouvido que se inclina a escutar.

Um frêmito de medo invade esta criatura frágil, porque aspira a envolver na atenção e no confronto o Deus da pureza absoluta. No livro de Jô pergunta-se: «Como pode justificar-se o homem diante de Deus? Como será puro o homem nascido da mulher? Se até a própria Lua deixa de brilhar e as estrelas não são puras aos seus olhos! Quanto mais o homem, simples verme, e o filho do homem, esse vermezinho!» (*Jô* 25,4-6). Existe, porém, outro temor no orante, à primeira vista paradoxal: Deus é aquele que perdoa e é por isso que o pecado cometido nos assusta: «Mas em ti encontramos o perdão; por isso te fazes respeitar» (v.4). É mais amargo e terrível ofender um pai que um soberano implacável. Mais do que a cólera é o amor paterno doce e delicado, ferido por um filho, a suscitar angústia.

Mas a este ponto há uma reviravolta de esperança, encarnada no rosto do pecador, levado a esperar uma libertação. O salmista introduz uma cena noturna que adota como símbolo uma ronda de sentinelas que está a explorar as vias desertas da cidade, com a tensão que domina coração e mente. Espera-se somente que as horas transcorram e se profile o primeiro raio de luz no horizonte a indicar a aurora, como sugeria o profeta Isaias no seu diálogo das sentinelas: ««Sentinela, que vês na noite? Sentinela, que vês na noite?» E a sentinela responde: «Chega a manhã e a noite tam-

bém.» (*Is* 21, 11-12). Também o salmista, como o profeta, repete por duas vezes a frase: «mais do que a sentinela para a aurora. Mais do que a sentinela espera pela aurora» (v.6), quase a criar o sentido de uma espera longa e espasmódica.

O termo hebraico usado pelo salmista, *shomrîm*, de per si é genérico e pode indicar todos aqueles que vigiam. Alguns exegetas, por isso, tem mencionado a hipótese que em cena estejam os levitas e os sacerdotes, que esperam a aurora para iniciar o seu culto ao Senhor no templo, como se canta no Salmo 134,1: «Bendizei o Senhor, vós todos servos do Senhor, vós que estais na casa do Senhor durante a noite». Considerado o número alto de sacerdotes no judaísmo e o fato que o serviço era regulado por turnos sorteados (*Lc* 1,8-9), conseguimos compreender a tensão que devia reger aquela noite: ela, de fato, teria desembocado numa das jornadas memoráveis da vida de um sacerdote, a da sua presidência litúrgica no coração da religião e do mundo hebraico. Dada a raridade de tal evento para um sacerdote hebreu, pode-se simbolicamente aproximar à experiência do sacerdote católico na noite antecedente da sua ordenação presbiteral.

No fim, porém, eis a luz da aurora, o sol de Deus estende-se não só sobre o orante mas sobre toda a cidade e sobre Israel e é o esplendor do perdão misericordioso a envolver-nos: «nele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção». (v.7). Todas as culpas se dissolvem como gelo ao calor do sol. Desabrochado da obscuridade de um abismo infernal, de um coração oprimido pelo mal – não por acaso o poeta francês Charles Baudelaire intitulava *De profundis* um dos cantos do livro *Flores do mal* - , o Salmo atinge no fim o horizonte luminoso de Deus, onde brilham misericórdia e graça.

O grande filósofo francês Blaise Pascal imaginava este diálogo entre a alma e o Senhor Deus: «Se tu conhecesses os teus pecados desesperarias!». A alma: «Se tu os mostras, então desesperarei». Deus: «Não percas a coragem porque os teus pecados ser-te-ão revelados no momento em que serão perdoados». A última palavra que Deus quer pronunciar é a da misericórdia. Tinha-o intuído uma antiga mística muçulmana, Rabi‘a (século VIII), neste apólogo que serve também para mostrar um

rosto mais genuíno do Islã a respeito daquele deformado e brutal do fundamentalismo muçulmano: «Um homem disse a Rabi'a: Cometi tantos pecados. Se me arrependo, Deus me perdoará? Rabi'a responde: Não, tu te arrependerás, quando ele te perdoar».

Oração para o dom da misericórdia

«Ajudai-me, Senhor, para que os meus olhos sejam misericordiosos, de modo que eu jamais suspeite nem julgue as pessoas pela aparência externa, mas perceba a beleza interior dos outros e possa ajudá-los.

Ajudai-me, Senhor, para que os meus ouvidos sejam misericordiosos, de modo que eu esteja atenta às necessidades dos meus irmãos e não me permitais permanecer indiferente diante de suas dores e lágrimas.

Ajudai-me, Senhor, para que a minha língua seja misericordiosa, de modo que eu nunca fale mal dos meus irmãos; que eu tenha para cada um deles uma palavra de conforto e de perdão.

Ajudai-me, Senhor, para que as minhas mãos sejam misericordiosas e transbordantes de boas obras, nem se cansem jamais de fazer o bem aos outros, enquanto, aceite para mim as tarefas mais difíceis e penosas.

Ajudai-me, Senhor, para que sejam misericordiosos também os meus pés, para que levem sem descanso ajuda aos meus irmãos, vencendo a fadiga e o cansaço (...)

Ajudai-me, Senhor, para que o meu coração seja misericordioso e se torne sensível a todos os sofrimentos do próximo. A ninguém recusarei o meu coração... Habite em mim a tua misericórdia, ó meu Senhor».

(Do *Diário* de S. Maria Faustina Kowalska, apóstola da divina misericórdia, canonizada por S. João Paulo II, no ano 2000), 163).